

Gerir melhor a assembleia geral

Empresa portuguesa desenvolveu um *software* que acompanha o ciclo de vida de uma reunião de accionistas e quer vender produto em Espanha

Ana Rute Silva

● Em Agosto de 2007, no meio de uma luta de poder entre Jardim Gonçalves e Paulo Teixeira Pinto, o maior banco privado português reuniu em assembleia geral (AG). Quatro horas depois, ainda não se sabia qual a percentagem de capital do BCP que estava presente na reunião anual de accionistas, e uma falha no sistema informático impediu que os trabalhos continuassem. Na sala do Centro de Congressos e Exposições da Alfândega do Porto estavam 658 investidores que representavam 63,15 por cento do banco. Contudo, à primeira votação verificou-se que as contas estavam erradas.

Christopher de Beck, vice-presidente do BCP e responsável na altura pelo pelouro, assumiu a falha. Num despacho do banco, é referida uma “impossibilidade técnica do funcionamento [da reunião] devida a falha ou insuficiência do sistema informático, apesar de este ter sido auditado” e o presidente da AG, Germano Marques da Silva, decidiu adiar a assembleia. Independentemente dos problemas que se viviam no banco na altura, uma falha informática numa assembleia geral de accionistas é um verdadeiro pesadelo para qualquer empresa.

Os sistemas de votação sofisticaram-se nos últimos anos e, desafiada por um cliente, uma empresa portuguesa desenhou de raiz um *software* que permite gerir todo o ciclo de vida de uma AG, desde a sua preparação à análise de resultados. Problemas na reunião anual de accionistas “é o pior que pode acontecer”, diz Luís Gama, presidente executivo da Match Profiler, que, desde Abril de 2009 é responsável pelo funcionamento da AG da Zon. Com a separação do Grupo PT, a empresa de telecomunicações quis desenvolver um sistema próprio, explica, por seu lado, fonte oficial da Zon.

Uma equipa liderada por João Cunha, responsável pela área de Projectos e Soluções da Match Profiler, dedicou-se à concepção do programa e eliminou o papel onde era impresso um código de barras como meio de identificação dos accionistas e seus representantes. O sistema, denominado Concilium, é composto por um *back-office* de gestão e um *site* de votação electrónica e voto presencial.

Em qualquer computador acede-se a um *interface* na Internet onde são inseridos todos os dados relevantes para a realização da AG, como o total de acções, a caracterização dos accionistas e intermediários financeiros, agenda, entre outros. No dia da assembleia, é feita a credenciação dos participantes. A informação é associada a um cartão com banda magnética que identifica o investidor, permitindo o controlo de acessos. “Determina quem está na sala e quantas acções tem”, explica

Assembleia geral do BCP em 2007 registou problemas informáticos



PAULO PIMENTA

Luís Gama. Na hora de votar as propostas, os participantes utilizam PDA (Personal Digital Assistants ou Assistente Pessoal Digital), aproximam os cartões do aparelho e votam. Os resultados são projectados num ecrã, visível para toda a sala em tempo real. O acesso físico à sala (entradas de saídas) é controlado através do PDA: garante-se o acesso a pessoas autorizadas e, ao mesmo tempo, controla-se o quórum em tempo real.

A cada passo, os accionistas têm acesso a informação considerada relevante como os pontos em deliberação e os resultados parciais, globais.

“Um participante pode representar vários accionistas e este processo agiliza a votação. Poupa-se tempo na organização e todos os relatórios saem também em formato PDF de forma automática”, explica João Cunha.

Match Profiler

- **Data de fundação:** 1999
- **Actividade:** Concepção de *software*
- **Áreas de negócio:** Produtos financeiros (plataformas de gestão de papel comercial direccionada para a banca de investimento) e projectos (onde se inclui o Concilium, *software* para assembleias gerais de accionistas)
- **Número de trabalhadores:** 23
- **Facturação:** um milhão de euros durante o ano de 2009, previsão de 1,2 milhões de euros em 2010

Principal fonte de receitas da empresa

Aposta mantém-se no sector financeiro

● A Match Profiler foi fundada há onze anos por gestores ligados à banca de investimento e é na área financeira que a maior parte do negócio da empresa de desenvolve, que pesa 40 por cento na facturação anual. Os dois principais produtos são soluções de crédito para a banca de investimento e uma plataforma de gestão de papel comercial.

“Com o evoluir da empresa, começámos a desenvolver sistemas de gestão do negócio e, para além do

O conceito é de SAAS (*software as a service*): aluga-se o serviço, adaptado a qualquer realidade. “Aplica-se a um partido, a um clube de futebol”, exemplifica.

Para desenvolver o Concilium (já patenteado), a Match Profiler investiu 80 mil euros e quer, agora, conquistar mais clientes, nomeadamente no mercado espanhol. “Pensamos fazer negócio com um parceiro local”, diz Luís Gama. Por cá, o CEO da empresa acredita num crescimento a longo prazo, já que esta é uma área ainda com pouca expressão na facturação.

“É uma oportunidade de negócio. No passado, as assembleias gerais eram eventos muito restritos, os investidores eram iminentemente nacionais e havia uma centralização. Hoje são mais participadas, o mercado é aberto e há outras regras”, explica.

software para as assembleias gerais, criámos sistemas de gestão de filas de espera, como os que encontramos em repartições públicas de finanças ou nos centros de emprego”, refere Luís Gama, CEO da Match Profiler.

As aplicações são desenvolvidas internamente. “São produtos multi-lingua, com expectativa de colocação noutros mercados que não o português. Há potencial de expansão em Angola e Espanha”, diz o responsável da empresa.



Luís Gama e João Cunha

Alemanha admite ajudar Grécia a taxas mais baixas

Sérgio Aníbal

● As autoridades alemãs preparam-se para recuar numa das suas principais exigências para o plano de ajuda à Grécia, passando a aceitar conceder empréstimos a uma taxa de juro inferior à praticada pelos mercados.

De acordo com a agência de notícias Bloomberg, os governos europeus estão a aproximar-se de um acordo que permite a Berlim evitar a concessão a Atenas do que diz ser “empréstimos subsidiados”, mas que ao mesmo tempo desanuvia o cenário actualmente colocado pelo mercado, onde as taxas de juro exigidas à Grécia têm estado a subir para níveis insustentáveis.

A Alemanha aceita agora que os empréstimos bilaterais sejam concedidos a uma taxa mais baixa do que a do mercado obrigacionista internacional - que, na passada quinta-feira, chegou a ultrapassar os 7,5 por cento -, mas exige que os juros sejam superiores aos normalmente pedidos pelo Fundo Monetário Internacional - que poderiam ser de cerca de cinco por cento.

Este aparente recuo alemão surge no final de uma semana em que os problemas gregos se acentuaram em todas as frentes. Nos mercados, as taxas de juro exigidas pela aquisição dos títulos obrigacionistas do país subiram em flecha, atingindo os valores mais altos desde a criação do euro. Para piorar as coisas, a agência de notação financeira Fitch baixou ainda mais o *rating* atribuído à Grécia. Para finalizar, os indicadores económicos divulgados, nomeadamente os da produção industrial, registaram quebras muito significativas, dando a entender que a economia pode estar a entrar numa recessão profunda.

É por isso que, depois de terem chegado a um acordo no passado dia 25 de Março que convenceu muito poucos analistas e investidores, os governos da zona euro se vêem agora forçados a encontrar uma solução mais clara e definitiva. Os rumores de que um plano de ajuda poderá vir a ser accionado nos próximos dias têm vindo a crescer desde sexta-feira.

E a verdade é que hoje, numa reunião agendada apenas durante o dia de ontem, os ministros das Finanças dos países que têm o euro como divisa se encontram, através de videoconferência, para discutir esta matéria. Ao anunciar a reunião surpresa, o porta-voz do presidente do Eurogrupo esclareceu que “a Grécia não pediu ajuda, mas é preciso estar preparado para o caso de o fazerem”.

Por seu lado, o ministro grego, George Papaconstantinou, afirma que “o mecanismo de ajuda é uma rede de segurança importante, mas acreditamos que a Grécia não o tenha de usar”.